

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**ELIANE MENDEL SCHNEIDER**



**O MUNDO NA CAIXA DE MEMÓRIAS**

**SÃO LEOPOLDO**

**2014**

## O MUNDO NA CAIXA DE MEMÓRIAS

Eliane Mendel Schneider<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo é a conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e se propõe a resgatar as minhas memórias pessoais e profissionais, dentro do contexto escolar, através da criação de um livro infantil. Este livro servirá como recurso para acessar e me comunicar com as crianças e colegas de profissão, a fim de entender, refletir, analisar e comparar a escola de ontem com a de hoje, bem como transformar a minha trajetória, em orientações para tomada de decisões profissionais adequadas e ainda, contribuir no cotidiano escolar e com a história das gerações futuras. Acredito que a partir de estudos constantes vamos tendo condições de compreender nosso papel profissional e social, criar estratégias eficazes e fazer interferências significativas nas novas gerações, contribuindo para o sucesso das mesmas e para a transformação positiva da sociedade, de modo que se torne mais humana, justa e feliz.

**Palavras-chave:** Memórias de Infância. Livro Literário Infantil. Pré-Escola. Brincar. Castigos. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

A produção de um livro pode ser inspiradora para acessar lembranças, reminiscências e aprendizagens. Pode mostrar-nos a pertinência (ou não) de determinadas escolhas que fazemos, bem como, pode convidar-nos a indagar, desconfiar, repensar.

O desejo e a escolha pelo foco deste trabalho surgiram durante as aulas do Curso de Especialização em Educação Infantil, em que os professores, durante as aulas me oportunizaram, trabalharam e me aguçaram a acessar lembranças da minha infância e da minha trajetória profissional, bem como, me inspiraram a refletir, repensar, questionar e querer aprofundar e me debruçar ainda mais sobre o assunto.

O presente artigo é a conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, e se propõe a discutir a relação singular entre uma determinada história infantil e minha história pessoal de entrada na pré-escola, à luz dos autores e discussões vivenciadas

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – São Leopoldo – Curso de Especialização em Educação Infantil

durante o percurso do referido Curso. Resgatar essas memórias pessoais me estimulou a criar uma nova história de literatura infantil, com o objetivo de construir um modo de comunicação com as crianças de hoje sobre as minhas vivências de ontem, como também com os colegas de profissão, tendo como cenário a escola.

O livro produzido se encerra com questões, que deram maior clareza e serviram de base para as minhas análises e investigações: Sua professora fica brava? Tem castigo na sua escola? Na sua escola se brinca?

O resultado deste trabalho apresenta-se dividido em três partes: a primeira foi intitulada Abrindo a Caixa de Memórias, que trata como foi a experiência de abrir a caixa de memórias, ou seja, a importância do educador acessar as suas próprias memórias pessoais. Na segunda parte, intitulada O Grande Encontro na Caixa de Memórias, fala sobre a minha iniciativa em escrever um livro para as crianças de hoje sobre a escola de ontem. Já na terceira parte, intitulada O Mundo na Caixa: Desafios e Descobertas, explica e analisa o próprio livro para as crianças de hoje sobre a escola de ontem, bem como a experiência da leitura e comunicação com os pequenos. Por fim, na quarta parte, intitulada Reorganizando a Caixa: Considerações Finais, tratadas conclusões e aprendizagens construídas neste trabalho.

## **2 ABRINDO A CAIXA DE MEMÓRIAS**

A curiosidade, o desejo e o desafio de produzir um livro infantil que pudesse refletir, analisar, narrar e contribuir futuramente com os colegas e com as novas gerações sobre as minhas memórias significativas, de idas e vindas, entre as lembranças das minhas experiências infantis, com as minhas vivências profissionais e acadêmicas, surgiram durante as minhas aulas no Curso de Especialização em Educação Infantil, que trouxeram em sua proposta o diálogo constante sobre a infância e muitas vezes, as memórias da nossa própria infância. Como afirma Bastos (1999) “o lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (p.34). Em vários momentos fomos costurando, atando e desatando nós entre as nossas experiências de infância guardadas na memória e as experiências de hoje, enquanto profissionais em escolas de Educação Infantil, em constante contato com as vivências infantis.

Como diz Nóvoa (2000), “é impossível separar o eu pessoal do eu profissional” (p. 17). Na busca de significados para a construção de sua identidade

profissional, o indivíduo interpreta suas ações individuais e coletivas, enquanto relata sua história de vida, o docente revela seus anseios e expectativas diante de sua profissão e de sua própria vida.

A capacidade de memorizar, nos torna capazes de acumular e transmitir experiência, de aprender com os erros do passado, de planejar o futuro, de fazer história. É essa capacidade de transformar o mundo, que nos tornam seres históricos, responsáveis pelo mundo em que vivemos, seres protagonistas, ou seja, seres no mundo.

O processo de aprendizagem pode ser definido pelo modo como adquirimos novos conhecimentos e mudamos o comportamento. Porém, devido à complexidade desse processo, qualquer definição está impregnada de nossas crenças, valores e ideais relacionados com a visão que construímos de homem, sociedade e saber. Independente da concepção formulada sabe-se que, desde o nascimento, ampliamos e construímos conceitos e referências em função do meio que nos cerca. Estes conceitos são coordenados por mecanismos de memória, a qual fixamos as imagens dos sentidos de memória, e as associamos a cada nova experiência.

A contribuição da memória representa, de acordo com Nóvoa (1988), “uma ruptura tanto em termos de procedimentos, pois o sujeito se torna simultaneamente ator e investigador, quanto de entendimento da realidade, na medida em que este método parte do pressuposto de que seja possível entender o particular como parte do universal (p. 116)”. A temática das memórias utilizadas na produção do livro, além de contribuir com a reflexão e construção da minha identidade profissional, integra experiências e trajetórias às minhas preferências e desejos, me dando possibilidades de ações transformadoras, enquanto docente. Estimular a memória também é uma das funções estruturais do professor.

De acordo com Kenski (1997), “o professor enquanto agente de memória informal, educativa e na sociedade digital é capaz de realizar interações e intercâmbios entre linguagens, espaços, tempos e conhecimentos (pontes sociais, temporais, tecnológicas) diferenciados (p.27).” Foram durante as produções, em meio as minhas lembranças que fui atrelando maior sentido a minha trajetória pessoal e profissional. Foi durante esta viagem mágica pela infância, que tive a oportunidade de compreender as práticas pedagógicas aplicadas comigo, enquanto aluna e como e porque estas foram se transformando nestes últimos trinta anos. Foram estas memórias que me possibilitaram enxergar as mudanças históricas, de

legislação, concepções de criança, escola de educação infantil, entre outras. Pude compreender como fui construindo meu perfil profissional.

Em meio às lembranças também fui me dando conta que somos herdeiros do que vivenciamos no passado e, a partir desta herança, é que nos torna possível, enquanto professores, obter proveito pedagógico, ao refletir sobre as experiências progressivas, como por exemplo: “por que me tornei professora?”; “o que considero um bom professor?”; “por que ensino da forma como ensino?”; “por que avalio desta maneira?”; como posso contribuir nos espaços onde atuo?” e inúmeros outros questionamentos. É interessante ressaltar que estes questionamentos produzem um conhecimento capaz de transformar-se em aporte metodológico para a produção de um tipo de conhecimento que faça sentido ao nosso profissional, uma vez que ele é, agora, o sujeito da reflexão.

A análise sobre a influência de vivências anteriores de nossa prática pedagógica pode ser considerada como contribuições importantes para a compreensão de nossa postura profissional. Contudo, é imprescindível ter consciência da origem de nossa própria prática, a relação com o ensino e com as crianças. Esse conhecimento nos possibilita a oportunidade de superar crises, reformular a postura pedagógica, as crenças em relação ao planejamento, a condução frente às ações e atitudes das crianças, as formas de avaliar o processo pedagógico e outros aspectos que possam resgatar a imagem pessoal do bom professor.

Outro aspecto importante a ser destacado, é que ao resgatarmos e narrarmos sobre nossas memórias pessoais e profissionais, permitimo-nos apropriarmos de nossa própria história, percebendo-nos como atuantes e capazes de participar do processo de transformação, sendo, conseqüentemente, valorizados como sujeitos da história no cotidiano escolar. Através da nossa história podemos contribuir tanto nos diálogos e debates escolares, como nas histórias das novas gerações. De acordo com Prado (1992), o professor pode apresentar seu Memorial ou Autobiografia como se estivesse contando histórias de terceiros. A narrativa desloca-se para a terceira pessoa do singular que assume o lugar de narrador, fator que propicia, pelo distanciamento, uma análise mais aprofundada de seus próprios problemas. Pois segundo Vygotsky (1991), o sujeito é um ser que se constrói e se constitui sociocultural e historicamente na interação com o outro, no contexto em

que ambos estão inseridos. Sendo assim, fica explícito que o ser humano só se reconhece no olhar do outro.

Ao socializarmos a nossa história com outros profissionais ou crianças, envolveremos a memória coletiva, em que ao mesmo tempo, teremos a oportunidade de apresentar a nossa história de vida, bem como de conhecer e comparar com outras vivências e tempos históricos, contribuindo com a nossa formação e com a formação de outros colegas e das gerações futuras. Enfim, mediante o exposto, foi pela prazerosa experiência de produzir um livro de história infantil sobre a fantástica viagem pelas minhas memórias pessoais, que descobri valiosos tesouros, que estavam escondidos, há espera de serem explorados e investigados, de maneira a poderem, de forma efetiva, transformar a minha trajetória, em orientações para tomada de decisões profissionais adequadas e eficazes, bem como contribuir no cotidiano escolar e com a história das novas e das gerações futuras.

### **3 O GRANDE ENCONTRO NA CAIXA DE MEMÓRIAS**

A inspiração de produzir um livro literário infantil que servisse de reflexão, análise e de contribuição histórica e pedagógica para outros adultos e crianças veio de uma destas desatadas de nós, mais específico, numa aula da professora Marita Redin, em que propôs as alunas de buscar a caixa de memórias, para encontrar as valiosas experiências vividas na infância, que aconteceu o grande encontro. Para a minha surpresa, encontrei um objeto valioso da minha infância, da época que eu ingressei na escola, há trinta anos atrás, com cinco anos de idade, na Pré-escola, o Livro do Pinóquio, criado pela Walt Disney. Foi ao mesmo tempo, o primeiro contato com a escola e com o livro infantil.

Foi o livro do Pinóquio, contado pela Walt Disney que me acompanhou no ingresso à escola, me aguçando a curiosidade, mexendo e me auxiliando com meus medos, angústias, dúvidas e desejos infantis. Sugerido na lista de materiais, durante a matrícula escolar, ele apareceu das mãos do meu pai. Foi muito mágico! A curiosidade para saber o que aquele livro colorido e tão lindo tinha para me contar. Solicitei aos meus pais e ao meu irmão de oito anos, que já conhecia e freqüentava a escola, para me contarem várias vezes. Eu não me cansava de escutar. Mas, a cada escuta, misturada com a explicação da minha família sobre o funcionamento e

a importância de ir à escola e de como eu deveria proceder naquele espaço, a história ia me ajudando a elaborar e enfrentar a curiosidade, ansiedade e alguns medos que me cercavam.

O fato de ter me identificado tanto com a história e principalmente com o personagem principal, talvez seja por coincidentemente, também trazer em seu conteúdo histórico uma experiência com semelhanças com o momento que eu estava vivendo, misturadas as minhas fantasias. Ou seja, o personagem principal, o querido boneco de madeira chamado de Pinóquio, também tinha ido a escola para tentar se transformar num menino de verdade. Escutar esta história por muitas vezes, me permitia enfrentar minhas angústias e de me identificar com este boneco.

Segundo Freud (1976), as crianças identificam-se com os contos de fadas, pois estes desencadeiam temas universais dos seres humanos. Eles transmitem a garantia de sucesso na resolução de problemas das crianças. De acordo com Radino (2003), os contos mostram à criança muitas questões humanas que ela vivencia, mas não consegue verbalizar. Eles são apresentados de forma simbólica, dando base para a assimilação de conflitos internos de acordo com o estágio de desenvolvimento (tanto psicológico, como intelectual) que a criança está passando.

Para Radino (2003) “o pedido de contar mais uma vez a história, é uma forma de a criança apropriar-se de suas emoções e elaborá-las.” (p. 143). Enquanto a criança reconta ou escuta várias vezes a mesma história, ela brinca, dramatiza e, através do simbolismo, consegue expressar suas angústias. Através da sua história preferida ou de um personagem que se identifica, a criança se remete ao conflito ou angústia que está passando naquele momento.

Outra situação marcante da época, que também apareceu na história e o livro me ajudou a enfrentar foi a questão da separação. Era a primeira vez que eu me separava da minha mãe para conviver com outros adultos, em destaque, a professora. Para Bettelheim (2002), quando o herói dos contos de fada, a criança, parte para o mundo, ela pode encontrar a si e aos outros, tornando-se capaz de viver feliz para sempre, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade da separação. Pois o conto serve como guia para a criança, em que pode ajudá-la a entender tanto no inconsciente, como no consciente, de modo que com o passar do tempo vai abandonando seus desejos de dependência infantil, tornando-se satisfatoriamente, mais independente.

O fato de me separar da minha mãe me preocupava EME colocava diante de dúvidas, tentando compreender e assemelhar as atitudes da professora com alguns dos personagens da história, seria ela a bondosa fada azul, os malvados, Gedeão e João Honesto ou a própria baleia que poderia me engolir? De acordo com Bettelheim (2002), a literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas, podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social.

Da mesma forma mágica que este livro me ajudou a enfrentar e lidar com os meus conflitos infantis, ele oportunizou reencontrá-lo agora, com um novo olhar, adulto e maduro, dando-me a oportunidade de compreender a sua utilidade na minha infância. E foi esta magia e o prazeroso reencontro que me despertaram para resgatar e registrar minhas memórias, através da produção de um livro literário infantil.

Resgatar, refletir e narrar a minha trajetória pessoal e profissional, dentro do espaço escolar, num livro infantil foi uma oportunidade de poder reviver e escrever de forma mágica, pelo olhar da minha criança interna, que permanece viva. Da mesma forma, a produção deste material, tem o desafio de chegar e acessar as crianças, levando-as para uma viagem encantadora, a fim de mexer com a fantasia e o imaginário das mesmas e desta maneira contribuir na resolução dos medos, angústias e desejos que as cercam, sem assustá-las. Pois como já foi mencionado e de acordo com Radino (2003),

todo conto inicia em um outro tempo e em um outro lugar, e a criança sabe disso. Ao iniciar um “era uma vez”, a criança sabe que partirá em uma viagem fantástica e que dela retornará com um “e viveram felizes para sempre” ou expressões semelhantes. Esses rituais mostram que vamos tratar de fantasia e isso faz com que embarquem nessa viagem e se identifiquem com os personagens (p.135).

Mais do que produzir ou permitir acesso a esse livro, o prazeroso será contar esta história às crianças de hoje, permitindo que elas entrem, em contato, de forma lúdica, com a escola do passado. Elas poderão conhecer, comparar, dialogar comigo sobre as suas escolas atuais e que nesta relação poderemos juntas, aprender,



trocar experiências e ampliar os nossos conhecimentos, formações pessoais, o senso crítico e resolver nossos conflitos internos.

Quanto a isso, Tatar (2004) diz que por meio de histórias, adultos podem conversar com crianças sobre questões significativas para elas, que vão do medo do abandono e da morte a triunfos que levam a finais “felizes para sempre”. Pois enquanto olham figuras, lêem episódios, adultos e crianças podem usar a crítica e os efeitos da história, como orientação para pensar sobre assuntos similares do mundo real. Pretendo ainda deixar este mesmo material à disposição dos adultos, em especial, meus colegas de profissão, a fim de poder servir no futuro, de recurso significativo, para estimulá-los e auxiliá-los, a acessar suas crianças e resgatar suas histórias, como meio de refletir sobre as suas trajetórias pessoais e profissionais e desta forma contribuir para transformações positivas.

#### **4 O MUNDO NA CAIXA: DESAFIOS E DESCOBERTAS**

“O narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história.” (Walter Benjamin, 1994)

A ideia de produzir um livro literário infantil foi muito desafiadora, mas ao mesmo tempo, muito prazerosa, por não se tratar de qualquer tema ou qualquer história. Ela trata de uma história muito linda e significativa, as minhas memórias infantis sobre fatos marcantes da minha trajetória escolar. Também não surgiu do nada, de qualquer jeito. Ela foi inspirada no meu primeiro contato e experiência com o livro infantil, o livro do Pinóquio, criado pela Walt Disney. E o mais encantador é que ela é narrada pela minha criança interna, ainda viva dentro de mim, deixando a história mais divertida, lúdica e convidativa a embarcar nesta fantástica viagem do tempo. A produção deste livro infantil foi regada de fatos reais, misturadas às fantasias infantis, vivida por mim no passado, e que pretendo a partir de agora explicar e analisar.

Início o livro me apresentando na fase adulta, contando que sou professora e convidando o leitor a ler o livro, explicando que a história se tratará das minhas experiências infantis, durante o período escolar e que por isso, será contada por mim, na fase criança. A história se passou sob o cenário da década de oitenta, mais

específico, há trinta anos atrás, quando a personagem ingressou na escola, com cinco anos de idade, na Pré-escola, numa escola pública de Ensino Fundamental.

Vale lembrar que nesta época, o ingresso na educação infantil não era obrigatório, não tinha exigência de frequência mínima, ou seja, ainda não tinha lei que amparassem as crianças pequenas e a Pré-escola tinha o papel de prepará-las para alfabetização. Quanto ao aspecto de legislação é importante ressaltar que o primeiro amparo legal referente à educação saiu em 1988, com a Constituição Federal, que passou a assegurar em seus artigos, a garantia do atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos, como direito de todos e dever do Estado e da família. Na sequência, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, em seu artigo 53, reforça estes direitos.

Os personagens atuantes e principais foram duas crianças: Eliane (eu), uma menina de cinco anos, muito alegre, curiosa, questionadora, que até o momento ficava somente sob os cuidados da sua mãe em casa e que por morar em um bairro tranquilo, tinha a possibilidade de brincar livremente pela rua com os seus amigos. E o outro personagem era o seu irmão Xande, um menino esperto de oito anos, que já freqüentava a escola há mais tempo, que diferente da menina, preferia assistir televisão e ler gibis, em vez de brincar na rua.

Começo dar forma a história e levanto dúvidas com uma grande notícia de que a menina deveria ir para a escola para aprender, ficar inteligente e ter um futuro brilhante. A menina que era curiosa, alegre, cheia de vida, enfim, uma menina de carne, osso e de verdade, embora muito pequena para compreender o que era futuro brilhante, já tinha compreendido que a escola era lugar de aprender, de disciplina, de obediência à professora e caso contrário, de punições, de castigos.

Para ajudar a formular suas hipóteses, aguçar suas fantasias e enfrentar a curiosidade, ansiedade e alguns medos que cercavam e principalmente, para compreender e elaborar como era a escola de verdade, a personagem contou com a ajuda de um livro de história infantil, que surgiu dos materiais escolares, o Livro do Pinóquio criado pela Walt Disney. E principalmente, contou com um personagem muito querido, com o qual ela se identificou, um boneco de madeira, o Pinóquio, que por coincidência, também tinha ido à escola, tentando se tornar um menino de verdade.

No desenrolar da história são estes aspectos, como a escola como um espaço de aprender, desvinculado do brincar e um espaço de disciplina e obediência

à professora que vão mexendo com os medos e imaginários da personagem e por isso, vão ganhando importância e sendo desenvolvidos, de uma forma divertida. Quanto ao primeiro aspecto, em que mostra a escola como um espaço de aprender, desvinculado do brincar, este vai aparecendo e sendo descrito no livro em alguns momentos. Primeiramente, quando a personagem demonstra não ter a certeza de que a experiência de ir à escola era boa, pois era um lugar novo e desconhecido. Pois como eu já havia mencionado anteriormente, só tinha tido uma experiência social até o momento e sobre esta tinha certeza, de que ficar em casa sob os cuidados e proteção de sua mãe e que brincar livremente na rua com seus amigos era muito bom e divertido. Vivia um momento de separação da mãe. Para Balaban (1988),

a separação é uma experiência que ocorre em todas as fases da vida humana. E, em cada circunstância, um indivíduo está deixando um território familiar e está entrando no desconhecido, no ainda não experimentado. Existe um potencial de crescimento e de mudança em cada experiência de separação, ainda que predomine uma sensação temporária de perda, desproteção e desamparo (p. 25).

A criança precisa compreender que este novo lugar é diferente de seu espaço restrito, familiar e confortável. Precisa entender que neste ambiente extraordinariamente diferente, há adultos confiáveis e que suas educadoras estão ali para ajudá-la a ser feliz, porém, são pessoas diferentes de seus pais. E é na escola que encontrará outras crianças, da mesma idade disputando materiais/brinquedos e atenções destes adultos, ocasião que precisará aprender a dividir, a emprestar, a pedir emprestado, a respeitar os outros. Enfim, criar confiança naqueles que a acolhem. E a escola não substitui seus pais, mas serve de complemento à construção da individuação. Quanto à imagem criada sobre o novo adulto cuidador, ou seja, a professora, fica na entre linhas do livro, as hipóteses levantadas pela personagem, de que hora comparava a professora com a querida Fada Azul, hora com os malvados Gedeão e João Honesto e hora me parece que até com a baleia, que pode engolir as crianças. Para Bettelheim (2007),

os contos de fadas oferecem personagens nas quais ela pode exteriorizar sob formas controláveis aquilo que se passa em sua mente. Os contos de fada mostram a criança de que modo ela pode corporificar os seus desejos destrutivos numa personagem, obter de outra satisfações almejadas,

identificar-se com uma terceira, ter ligações idéias com uma quarta, e daí por diante, segundo requeiram as suas necessidades do momento (p. 95).

No livro, a personagem foi trazendo a escola como um lugar de regras, como fazer fila, de ter que ficar sentada na cadeira, para fazer trabalhinho. Em alguns momentos ela também foi se mostrando resistente em ir para escola, preferindo ficar brincando com seus amigos, já que a escola era apenas um espaço de aprender, desvinculado do ato de brincar. Embora em meio as suas fantasias, ficava com receio de faltar, tomada pelo medo de se tornar burra como o Pinóquio, quando deixou de ir à escola.

Felizmente, com o passar dos anos, a escola também muda seu olhar sobre o espaço escolar, entendendo que a criança aprende brincando. Passou-se acreditar-se que brincar é uma necessidade e um direito e, portanto, uma atividade cotidiana na vida das crianças. E percebemos isso em 1990, com a Lei 8.069/90, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente, que acrescenta no Capítulo II, Art. 16º, Inciso IV, que toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se. Mas tarde, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), também determina que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira.

O brincar favorece a criança no aprendizado, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólicos. É o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, o emocional e o corpo da criança. Brincar faz parte da especificidade infantil e oportuniza a criança em seu desenvolvimento e a busca de sua completude, seu saber, seus conhecimentos e suas expectativas do mundo. Por ser importante para as crianças, a atividade lúdica e suas múltiplas possibilidades pode e deve ser utilizada como recurso de aprendizagem e desenvolvimento. Pois conforme afirma Feijó (1992) brincar “é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente, faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana.” (p. 61).

É no brincar que acontece a aprendizagem da criança, é através das brincadeiras que as crianças podem desenvolver a sua capacidade de criar brincadeiras, para dar condições do desenvolvimento na diversidade das brincadeiras, nas experiências, através da troca com outra criança ou com os professores ou com a sua família. De acordo com Fantin (2001), o brincar é

fundamental para a aprendizagem da criança, pois ao brincar a criança aprende, desenvolve conceitos de relacionamento casuais ou sociais, ou seja, aprende o poder de discriminar, a julgar, analisar e sintetizar, de imaginar e formular e inventar ou recriar suas próprias brincadeiras.

Quanto ao segundo aspecto, apresenta a escola como um espaço de disciplina e de obediência à professora e de punições. Durante a história, vai ficando claro que a escola era um espaço de regras e ordens, impostas pela professora, que deveriam ser seguidas, caso contrário, haveria punições, castigos. Este aspecto é o que mais fica evidente e mais mexe com o imaginário da personagem, que apresenta um terrível medo de ir para o castigo, em que cada vez que a professora ficava brava, ela chorava. Ela vai criando hipóteses e fantasiando sobre a forma que o castigo se dá na escola. Para Tiba (1996), a criança aprende fazendo tentativas, dessa forma ela erra e acerta. Se os adultos não aceitarem os erros, criticando duramente a criança, ela própria deixará de aceitar seus erros, perdendo assim, a liberdade de tentar acertar, restando-lhe a obrigação de acertar sempre (como se isso fosse possível).

A primeira hipótese, misturada à fantasia do conto Pinóquio é de que as crianças que não obedecessem fossem presas numa gaiola. O dia do castigo chega e ela descobre que seria diferente do que imaginou, teria um caráter vexatório, de humilhação para as crianças. Um colega fica exposto frente seus colegas com o nariz na parede. E logo a personagem traz a fantasia para a história de que o menino havia mentido como o Pinóquio, que ao mentir crescia o nariz, sendo que, com o nariz na parede não poderia crescer. Para Bourdieu (1990), o castigo escolar é classificado como violência simbólica para a criança, traduzindo-se em situações como: promover ansiedade, medo e tensão provocados pelo professor. É humilhante para criança ser punida na presença dos colegas, pois as mesmas não estão preparadas para tal situação constrangedora.

Durante a história a personagem vai descobrindo outras formas de castigo em sua trajetória escolar. Uma delas, pelo personagem Xande que lhe descreve sua experiência de castigo, por não ter terminado o tema em tempo hábil, tendo ter que ficar parado na frente do quadro, olhando para os colegas, que gozaram. Ou seja, traz mais uma forma humilhante e de exposição da criança e não ajuda ela a aprender com a situação, ou seja, construir conhecimento a partir do erro. Conforme foi mencionado o menino foi de castigo por não conseguir terminar o tema, mas

havia outras razões que desencadeavam o uso do castigo, entre elas estavam à indisciplina, a desobediência, não seguir o modelo estabelecido como correto pela professora. Segundo Luckesi (1999),

a idéia e a prática do castigo decorrem da concepção de que as condutas de um sujeito – aqui, no caso, o aluno, - que não correspondem a um determinado padrão preestabelecido, merecem ser castigadas, a fim de que ele “pague” por seu erro e “aprenda” a assumir a conduta que seria correta (p. 52).

Verifica-se que a prática do castigo está ligada à visão culposa das atitudes humanas, onde o erro é a origem da condenação e o castigo um jeito de reparar a situação. Entretanto, Luckesi (1999) indica que o erro pode passar do estágio de castigo ao de virtude na trajetória de aprendizagem na medida em que o erro manifesto constitui-se em um novo ponto de partida para o aprendiz, considerando um padrão estabelecido, que orienta esta direção. Duas perguntas são fundamentais: como é este erro e de onde provém. Para o mesmo autor, Luckesi (1999), a perspectiva de vê o erro como possibilidade em sua dinamicidade, isto é, algo que contraria o padrão colocado, pode contribuir no sentido de construir uma postura nova, que efetivamente reinventa o estabelecido e nesta reinvenção o enriquece de significados.

A outra forma de castigo que a menina encontrou em sua trajetória escolar, já alguns anos mais tarde, foi de a professora mandar uma criança ficar sentada no canto da sala pensando. Mas, imediatamente, a personagem se questiona sobre esta forma, já que entende que pensar é uma ação importante e necessária para o ser humano. A criança é isolada num canto recebendo uma punição, por algo que ela fez e fica “pensando” sobre algo que ela não sabe ao certo o que “pensar”. É provável que a criança não fique lá no seu castigo ‘pensando’ no seu erro e aprenda de fato como ela deveria ter agido. Sem diálogo, sem empatia, somente com isolamento, ela não obteve orientação.

No decorrer da história, a menina vai amadurecendo e aprendendo a lidar melhor com seus sentimentos, deixando o livro de lado e se despedindo do Pinóquio. Outro aspecto que vai aparecendo no decorrer da história é que a personagem vai se dando conta e descobre que a fórmula mágica para não ser punida era o silêncio e a obediência à professora, cumprindo as regras e as ordens

impostas sem questionar. Como nos recorda La Taille (1996) “o aluno bem-comportado pode sê-lo por medo do castigo, por conformismo.” (p. 10).

Na verdade, a personagem descobriu que sua escola era tradicional e que via a criança como um ser sem conhecimentos, que precisava ser modelada, silenciosamente, pela professora, através da transmissão do conhecimento. Felizmente, esta visão foi sendo transformada com o passar do tempo e hoje, conforme as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil (2010) define a criança como:

sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (p. 12).

Percebe-se no decorrer do livro que os castigos, ou melhor, as posturas das professoras vão mudando. Acredito que seja pelo fato que neste período histórico foram surgindo legislações que asseguram os direitos das crianças. Entre elas está o Estatuto da Criança e Adolescente, que surgiu em 1990. O Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8069/90, dispõe acerca da proteção integral a crianças e adolescentes, e versa em seus artigos que é dever de todos, velar pela dignidade dos pequenos, protegendo-os de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. Também traz que devemos garantir a eles o direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento dos mesmos, bem como, a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola pública e gratuita próxima de sua residência.

O livro foi encerrado, com meu retorno na fase adulta, mas me colocando ainda muito curiosa e questionadora e deixando as seguintes perguntas aos leitores: Sua professora fica brava? Tem castigo na sua escola? Na sua escola se brinca?

Ao ler este livro para algumas crianças pude comparar a escola de ontem produzida nesta obra com a escola de hoje, vivenciada pelos pequenos leitores, evidenciando as mudanças históricas, sociais e legais, algumas semelhanças e até surpresas. Sendo que, dentre estes aspectos, alguns pontos destaquei para refletir.

Um das crianças frequenta a etapa pré-escolar numa escola de Educação Infantil, em turno Integral. Já as outras duas crianças frequentam a pré-escola, numa

Escola de Ensino de Fundamental, no turno da tarde. A criança representante da Escola de Educação Infantil já no início do encontro, ao ser questionada o que tinha feito na escola, respondeu que tinha brincado com seus colegas. Depois de contar a história perguntei a criança se ela aprendia ao brincar e ela, imediatamente, me disse que sim, que aprendia como funciona a brincadeira, aprendia cores, nomes. Ela me deu o exemplo do elefante colorido. A mesma criança ao ser questionada sobre o castigo me relatou que não haviam aqueles castigos da história, mas que quando um colega brigava ou não se comportava, as vezes sentava um pouco, a professora conversava com a criança e as vezes ela pedia desculpa; que se fazia uma bagunça devia arrumar.

As duas crianças, representantes da Escola Fundamental, me relataram que nas suas escolas o espaço do brincar é na hora do recreio. Uma delas, ao ser questionada sobre a existência de brincadeiras durante as aulas relata que tem, mas que é a professora que determina e no recreio ela tem a liberdade de fazer suas escolhas. Esta colocação da criança vai ao encontro do que Greco (2008) coloca,

muitas escolas, reservam pouco tempo livre para que as crianças possam brincar, com liberdade, escolhendo as brincadeiras, de acordo com as suas necessidades, a partir de um gesto espontâneo, sem a intervenção do adulto. Geralmente, estas brincadeiras só são possíveis durante o "recreio", momento esperado pelas crianças e que elas gostam muito. As atividades, em sua maioria, são dirigidas e possuem, quase sempre, uma finalidade a ser alcançada, indicam um caminho a ser percorrido para a realização da tarefa sem permitir que a criança descubra a sua própria maneira de fazer (p. 69).

Também, diante da fala destas crianças e por ter vivido a experiência de coordenadora das escolas de Educação Infantil do meu município, pela Secretaria de Educação, no ano passado, pude perceber que diversas atividades da escola fundamental faziam parte do currículo infantil, mesmo que muitas vezes ditas serem de forma lúdica, sendo que o brincar por si só não pode existir sem finalidade alguma, ou seja, não pode ter uma finalidade em si. E quanto a isso, Winnicott (1965) afirma que:

nos anos pré-escolares, a brincadeira é um meio fundamental para a criança resolver os problemas emocionais que fazem parte do desenvolvimento. A professora precisa de uma compreensão intuitiva desses fatos se quiser auxiliar a criança nos problemas penosos que inevitavelmente existem, os quais os adultos tantas vezes ignoram, e ela



necessita de treino que a ajude a desenvolver e usar compreensão do significado da brincadeira em idade pré-escolar (p. 224).

Quanto ao fato da professora ficar brava e de ter castigo na escola, ambas as crianças responderam que a professora fica brava, sendo que a segunda me relatou que às vezes a professora grita muito. Elas comentaram que o castigo é ficar sem recreio e é dado quando os colegas incomodam, brigam, não fazem as atividades propostas ou ainda, quando não seguem as regras, como, por exemplo, correm quando não devem. Para Tiba (2006) afirma que castigo não educa uma criança. O que educa são as consequências de seus atos. O princípio da consequência serve para que a criança identifique o erro e o corrija, e assim aprenda a não errar mais.

Segundo relato ainda das duas crianças, quando seus colegas não podem usufruir do recreio ficam sentados ou fazendo atividades, mas que nem sempre resolve, pois estes voltam a ter condutas estabelecidas como erradas. Sendo assim, estes acabam perdendo o momento esperado, que eles gostam muito e que podem brincar livremente. Deixar a criança sem recreio não à ajuda a identificar o erro e corrigi-lo, simplesmente, desrespeita o direito da mesma de brincar. Quanto a isso, Bettelheim (1984) afirma que,

nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo. Sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos (p. 105).

Em relação aos benefícios do brincar, podemos dizer que estão ligados ao desenvolvimento infantil. Tanto o brincar pelo brincar, quanto o brincar dirigido (jogos), fazem bem à criança e ao seu desenvolvimento em todos os aspectos. O brincar deixa as crianças mais felizes e alegres, bem como as diverte, desenvolve habilidades físicas, ensina a respeitar as regras, ajuda na socialização, no aprendizado, na criatividade, na relação com o próximo.

## **5 REORGANIZANDO A CAIXA: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Revelou-se um segredo. Perdeu-se um olhar ingênuo. A caixa foi aberta...

É necessário fechá-la: não que seu conteúdo tenha se esgotado; não que as perguntas tenham sido, completamente, respondidas... É preciso cortar, encerrar o

esforço teórico de compreensão para, afinal, olhar novamente para o conteúdo que habita nas páginas deste trabalho e que, por muito tempo, habitava a caixa ainda não aberta.

Discorro meu olhar sobre minhas análises, relembro minhas aprendizagens acadêmicas, autores e conceitos que me acompanharam e penso sobre o sentido deste esforço: parece-me que, após a conclusão de minhas análises, percebo a caixa – minha trajetória pessoal e profissional dentro do contexto escolar- de outro modo.

A caixa me permitiu desenvolver um trabalho muito significativo e prazeroso, por se tratar de um tema com grande relevância pessoal e social. Foi durante esta viagem mágica pela infância e pelo desenrolar deste trabalho, que tive a oportunidade de compreender as práticas pedagógicas aplicadas comigo, enquanto aluna; como e porque estas foram se transformando nestes últimos trinta anos e como fui construindo meu perfil profissional. Foram estas memórias que me possibilitaram enxergar as mudanças históricas, sociais, de legislação, concepções de criança, escola de educação infantil, entre outras.

Em meio as minhas análises ficou claro que, quando ingressei na pré-escola, há trinta anos atrás, não havia lei que amparasse os direitos das crianças e nesta época não viam a necessidade destas crianças estarem na escola. Não havia obrigatoriedade e nem frequência mínima e a pré-escola tinha a missão de preparar as crianças para a alfabetização.

Observa-se que em 1988, as crianças começam a ganhar um olhar diferenciado e respeitoso, garantidos pela Constituição Federal, que passou a assegurar em seus artigos, a garantia do atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos, como direito de todos e dever do Estado e da família. Também não foi por acaso que as punições com caráter vexatório e humilhante que foram descritos na história foram desaparecendo, pois com o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, reforça os direitos das crianças e determinaram através do artigo 18, que é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Com o tempo passou-se a falar no erro construtivo, em que hoje se acredita que o castigo não educa uma criança, mas sim, as consequências de seus atos e que estas servem para que a criança identifique o erro e o corrija, e assim aprenda a

não errar mais. Penso que não basta que a criança cumpra as regras; o importante é favorecer a formação de futuros adultos que possam julgar de forma autônoma, independentemente do fato de serem castigados ou recompensados. As regras devem ser percebidas não apenas como obrigações, mas também como direitos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), também reconhece e traz no Capítulo II, Art. 16º, Inciso IV, que toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e divertir-se.

Nestes últimos anos, a pré-escola vai deixando de ser uma etapa preparatória para a alfabetização e passa a ser compreendida como uma das etapas da Educação Infantil, que amparada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), passa a ter em sua proposta como eixos norteadores as interações e a brincadeira. As Diretrizes, define a criança como um sujeito histórico e de direitos, que brinca, fantasia, aprende, questiona, experimenta e que através das interações e relações no mundo, constrói sua identidade pessoal e coletiva, bem como produz cultura.

Passa-se a acreditar que é fundamental o brincar na infância e que toda criança aprende brincando. É brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólicos. É o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelecto, o emocional e o corpo da criança. Brincar faz parte da especificidade infantil e oportuniza a criança em seu desenvolvimento e a busca de sua completude, seu saber, seus conhecimentos e suas expectativas do mundo.

Entretanto, mesmo estes reconhecimentos sendo amparados em leis, trazidos por atuais estudiosos e por discursos de profissionais da educação, vimos que ainda encontramos na realidade e nas falas das crianças que escutaram a minha história, que o brincar livre muitas vezes ocupa um espaço curto na escola. Também, contam que, infelizmente, em alguns momentos é retirado o brincar no recreio de crianças, como meio de castigo.

Para estes professores parece que ainda falta desenvolver maior compreensão do significado da brincadeira em idade pré-escolar, em que esta é um meio fundamental para a criança resolver os problemas emocionais que fazem parte do desenvolvimento. É necessária reflexão, aperfeiçoamento, para que de fato, possam auxiliar as crianças nos problemas que existem e os quais os adultos tantas vezes ignoram. Pois penso que a criança que tiver a liberdade para brincar, criar,

recriar, com certeza terá grandes possibilidades de se tornar um adulto saudável e bem sucedido.

Acredito que depois de a caixa aberta, percebe-se o quanto é complexa, desafiadora, é instauradora de diversificados modos de abri-la e olhá-la. Também penso que uma vez a caixa aberta e conhecido o seu conteúdo, não pode ser fechada, ou seja, não pode ser ignorada.

Através deste trabalho tenho comprovado o quanto o conto me ajudou a trabalhar meus conflitos e o quanto o mesmo foi prazeroso e facilitador para acessar a atingir meus objetivos com as crianças. Portanto, tenho a pretensão de contribuir com as minhas reflexões, conhecimentos aprofundados e continuar utilizando o livro literário infantil que criei com outras crianças, levando-as para uma viagem encantadora, a fim de mexer com a fantasia e o imaginário das mesmas e desta maneira contribuir na resolução dos medos, angustias e desejos que as cercam, sem assustá-las. Já que os contos mostram à criança muitas questões humanas que ela vivencia, mas que ainda não consegue verbalizar.

Também pretendo deixar este material à disposição dos colegas de profissão, a fim de poder servir no futuro, de recurso significativo, para estimulá-los e auxiliá-los, subsidiando discussões durante o processo de formação dos mesmo se desta forma, convidando-os a re-significar suas práticas pedagógicas, para que possam contribuir para transformações positivas. Pois acredito, que a partir de reflexões, análises e estudos constantes vamos tendo condições de compreender nosso papel profissional e social, criar estratégias eficazes, para trabalhar e fazer interferências significativas nas novas gerações, contribuindo para o sucesso das mesmas e para a transformação positiva da sociedade, de modo que se torne mais humana, justa e feliz.

## REFERÊNCIAS

- BALABAN, Nancy. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1988.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **Eu – professor – construindo a história da Educação Brasileira: Memoriais de Professoras**. Lajeado, R.S: Caderno Pedagógico, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. São Paulo: Artmed, 1984.
- \_\_\_\_\_. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16<sup>o</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21<sup>o</sup> Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1990.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n° 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** – Brasília: MEC, SEB, 2010.
- FANTIN, Monica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil**. Florianópolis: cidade futura, 2001.
- FEIJÓ, Olavo Guimarães. **Corpo e movimento: Uma psicologia para o esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 1992.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu** (1913[1912-13]). In: Edições Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XIII.
- GRECO, Claudia. **A escola infantil como ambiente suficiente bom**. Dissertação de Mestrado – PUC, São Paulo, 2008.
- KENSKI, Vani Moreira. **Sobre o conceito de memória**. In: FAZENDA, Ivani (org) **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1997.
- LA TAILLE, Y. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

NÓVOA, António. **A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus**. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Org.). O método (auto) biográfico e a formação. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

\_\_\_\_\_. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

PRADO, Guilherme T. **Da busca de ser professor: encontros e desencontros**. Campinas:1992. Tese (mestrado). Faculdade de Educação / UNICAMP.

RADINO, Glória. **Contos de Fadas e Realidade Psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2004.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 50<sup>a</sup> edição -São Paulo: Gente, 1996.

\_\_\_\_\_. **Disciplina, limite na medida certa**.85<sup>a</sup> edição- São Paulo: Integrare, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes,1991.

WINNICOTT, D.W. **A criança e o seu mundo**. 6<sup>a</sup> edição – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1965.